

Editorial

HERANÇA COLONIAL

Estudo recente da Secretaria de Estado de Trabalho e Desenvolvimento Social (Sedese) verificou que quase metade da população mineira depende de algum programa social do governo. Perto de 70% de 8,9 milhões de pessoas têm renda abaixo de um quarto de salário mínimo, ou seja, R\$ 197.

Considerada a zona rural, a situação piora significativamente. Aí, a carência chega a 80% da população. Esses brasileiros não são atendidos pelos serviços básicos que, constitucionalmente, deveriam ser garantidos a toda a população, como água, luz, educação, saúde etc.

O secretário André Quintão aponta como causa dessa desigualdade a permanência de uma economia com aspectos coloniais, não obstante o potencial de riqueza do Estado. Essa circunstância alijou do mercado grande parte das chamadas comunidades tradicionais.

Entre estas estão os quilombolas, descendentes dos escravos, e os indígenas, que habitam áreas onde a presença institucional do Estado é quase nula e, por consequência, também inexistem os serviços públicos. Mesmo a posse da terra é-lhes garantida sob questionamentos.

A herança colonial persiste ainda fortemente no meio urbano, quanto mais no rural. Nas cidades, os afro-descendentes são vítimas de discriminação racial. Menos integrados, mesmo porque seus povos foram dizimados, os indígenas sofrem menos esse dissabor.

Os últimos governos incrementaram os programas sociais como meio de promover a inclusão social. Para eles, a desigualdade seria combatida por um ato de vontade política. Fora a universalização do ensino básico e do SUS, o Bolsa Família é o que tem maior prestígio.

No entanto, a tarefa de resgatar aquela grande população do assistencialismo não será feita pelo atendimento deficiente a demandas de sobrevivência, mas pelo investimento em educação de uma geração que quebre o círculo vicioso da dependência e da pobreza.

Não há outra forma de inclusão que não seja pelo mercado.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí

PRESIDENTE Laura Mediolí

VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito

DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra SoaresGERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. SantosGERENTE INDUSTRIAL
Guilherme ReisGERENTE ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO
Walmir PradoGERENTE DE MARKETING
Monique ArakiGERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel SantosEDITORA EXECUTIVA
Lúcia CastroSECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da CostaADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo RochaCHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

O poder de “O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, hoje

O retrocesso da concepção de mulher-mala, 66 anos depois

Estou nas asas do feminismo desde que fui à Boca Chica, na República Dominicana, para o 12º Encontro Internacional Mulher e Saúde (20 a 23.10), que reuniu 175 mulheres de 40 países da América Latina e do Norte, África, Ásia, Caribe e Europa. Esses encontros são realizados há exatos 40 anos (1975), dos quais compareci a quatro.

Os grandes debates focaram no fundamentalismo religioso como inimigo das mulheres no mundo, cujos tentáculos com ares laicos se encontram, inclusive, na esquerda patriarcal – bem explicitada pelo governo brasileiro sob o comando do PT desde 2003 que, apesar de grandes avanços na moldagem de políticas públicas de saúde, retrocedeu ao famigerado ideário da concepção de mulher-mala: programa materno-infantil, numa inolvidável submissão ao “leilão de ovários” do Vaticano/Santa Sé e do neopentecostalismo vulgar!

Há muita luta a ser “lutada” no mundo para que a saúde da mulher seja concretizada e legada às gerações futuras como um direito. Acompanhamos de Boca Chica mais um ataque de fundamentalismo e da misoginia da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, que admitiu o Projeto de Lei 5.069/2013, do deputado Eduardo Cunha (21.10.2015), que dificulta o acesso ao aborto legal para vítimas de estupro! Como destaca Alyson Freire: “é um Maleus Maleficarum” (Martelo das Bruxas) – infame manual inquisidor do final de 1.487! O Encontro emitiu uma declaração repudiando o retrocesso do Brasil quanto aos direitos reprodutivos das mulheres, um atentado ao Estado laico! Na noite de 25 de outubro, sem des-

fazer a mala da viagem, li um tuíte de Dilma Rousseff? @dilmabr: A redação teve como tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. #Enem2015#CombateÀViolência-ContraAMulher. Fucei rapidamente na web e li sobre a celeuma que se formava, centrada na introdução do tema. Respon-di: Não tenha dúvida presidente: o título da redação do Enem2015 foi o maior gesto do seu governo contra a opressão de gênero”. Um gesto aparentemente pequeno, mas de grandiosidade incomensurável, levando o tema a 7.746.057 pessoas

Tentáculos do fundamentalismo inimigo das mulheres se encontram inclusive na esquerda – explicitada pelo governo sob o comando do PT

inscratas no exame!

O fundamentalismo religioso de extração neopentecostal disse o esperado, que era uma “doutrinação”, num chamado à guerrilha virtual, cujo vandalismo atingiu o verbete da filósofa francesa Simone de Beauvoir (1908-1986) na Wikipédia, chegando à Câmara Municipal de Campinas (SP), que, no último dia 28, aprovou moção de repúdio ao Ministério da Educação contra a presença de Simone de Beauvoir como aporte ao tema da redação do Enem: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”.

A farmacêutica cearense que ficou paraplégica depois que o marido tentou assassiná-la com um tiro, Maria da Penha,

que dá nome à lei, disse: “Fiquei feliz, o tema realmente está na boca do povo agora. Plantou uma semente... Num futuro próximo, estudantes que ontem fizeram o Enem vão ser os profissionais que vão atender os casos previstos na Lei Maria da Penha (2006)”.

“O Segundo Sexo”, de Simone de Beauvoir, é um ícone feminista e sua publicação, em 1949, foi um ato de coragem ímpar porque “A premissa do livro é a de que a mulher não é o ‘segundo sexo’ ou o ‘outro’ por razões naturais e imutáveis, mas por uma série de processos sociais e históricos” (resenha do livro no blog O Poderoso Resumão).

Em “Sessenta anos de ‘O Segundo Sexo’”, Leda Tenório da Motta destaca que o mais importante da obra “É a dimensão filosófica do Outro. A mulher é o Outro do homem... ‘Para o aldeão, todas as pessoas que não participam da aldeia são Outros suspeitos’, como escreve Beauvoir”.

DUKE

